

PINGA-FOGO

■ **POLARIZAÇÃO TURBINADA** - O julgamento de Jair Bolsonaro torna a polarização ainda mais forte, principalmente pela composição da turma do STF. O presidente foi advogado pessoal de Lula até às vésperas da sua nomeação como ministro, o outro foi seu ministro da Justiça e concorreu à eleição passada como senador, em disputa vitoriosa nas urnas, e o grande algoz foi ministro da Justiça de Temer. Só aí são 3 a 2. Sobram Carmem Lúcia e o ministro Luiz Fux.

■ Imaginem qual seria a reação da esquerda se Lula estivesse no banco dos réus e fosse julgado pelos ministros Kassio Nunes e André Mendonça, indicados por Bolsonaro?

■ **PARCERIA EXPLÍCITA** - Aliás, que saudade de Luiz Fux na presidência do STF. Os rituais da corte obedeciam a regras claras de compliance. Nunca seria permitido a uma emissora de televisão montar um Lounge na varanda do STF para realizar duas transmissões ao vivo. Ainda mais utilizando móveis de couro cedidos pela própria corte.

■ Como a Globo e Globonews vestiram a camisa do julgamento do golpe, validando a tese dos acusadores, ganharam até camarote (sem trocadilhos) na Suprema Corte, algo impensável nos dois anos da presidência de Fux.

■ **VERDADES RELATIVAS E VOLÁTEIS** - Vivemos um período de verdades relativas e verdades voláteis patrocinadas pelos telejornais da Globo e de parte da imprensa oportunista. A tese é simples, durante a Lava Jato, Sérgio Moro era o herói destes veículos, chegando a ter uma relação de intimidade e cumplicidade com os veículos e as suas manchetes.

■ Com Lula no poder, Moro virou a Geni e todas as sentenças que condenavam o atual presidente viraram excesso da mídia. Até a anulação das condenações do doleiro Youssef, de José Dirceu e, esta semana, de Paulo Bernardo, entrou na normalidade. Inversão de papéis.

■ Para um bruxo da política, brasileiros aguardem 2026. Após a eleição de Tarcísio de Freitas, caso a esquerda perca, Alexandre de Moraes será criticado pelos excessos que pratica, Bolsonaro será vitimizado e as ações de Zanin e Dino serão execradas.

■ É o efeito da realidade relativa e oportunista, na qual ela se molda ao figurino de quem está no poder.

■ **PASSOU DESPERCEBIDO** - A megaoperação contra o PCC no setor de petróleo expôs parte de uma sofisticada engrenagem criminosa, mas os principais ativos de Mohamad Hussein Mourad — apontado como líder máximo da facção — seguiram praticamente intocados.

■ Por meio de um fundo enigmático, estruturado nos mesmos moldes revelados na operação da semana passada, Mohamad desembolsou mais de R\$ 300 milhões para comprar, da gigante norte-americana World Kinect, a Tobras Distribuidora de Combustíveis, razão social da conhecida Terrana.

■ É essa empresa que hoje garante o abastecimento dos postos ligados ao grupo, entre eles a Rede de Postos Diamante, no Rio de Janeiro, cujo sócio formal é um ex-oficete boy que chegou a prestar concurso para guarda municipal.

■ A blindagem vai além. Outro investimento de Mohamad é a Refinaria SS Oil, em São Paulo, responsável por fornecer 100% do combustível adquirido pela Terrana — volume que segue direto para a rede de postos controlada pelo foragido.

■ Em resumo: o Ministério Público paulista desmontou parte do esquema da Copape. Mas a engrenagem mais estratégica do grupo continua de pé, operando a pleno vapor. Além de uma estranha conexão com operações portuárias, um paraíso para o crime organizado.

■ **NOVO MARINHO DA MÍDIA** - Mário Filippo, o querido Marinho, que consegue a proeza de transitar nas mais diferentes correntes da política e ter clientes da sua atividade do lobby das mais antagônicas tendências, agora vai estrear como sócio de um site político. O rapaz, que já conseguiu trabalhar para amigos e inimigos ao mesmo tempo, está capitaneando investimentos para o seu novo negócio de mídia. Isso pode custar caro para o seu negócio, que exige muita atuação de bastidor e confidencialidade. Bater em política é danoso para o seu business principal.



MAGNAVITA

claudio.magnavita@gmail.com

@columamagnavita

Desembargadora Helda Meireles lança livro sobre ativismo judicial no Fórum Central



Desembargadora Helda Lima Meireles lançou o livro “Ativismo Judicial, Judicialização e Autocontenção nas Cortes Brasileira e Portuguesa”



Des. Fabio Dutra, Des. Wagner Cinelli, Des. Ricardo Couto de Castro, presidente do TJRJ; Des. Heleno Ribeiro Pereira Nunes, 3º vice-presidente do TJRJ



Paulo Cesar Salomão Filho, Des. Custódio Barros Tostes, Des. Luiz Zveiter e o advogado Sérgio Zveiter



Desa. Helda Meireles e o Des. Heleno Ribeiro Pereira Nunes

Dezenas de magistrados, servidores e advogados se reuniram no Salão Desembargador José Joaquim da Fonseca Passos, no Fórum Central, na última segunda-feira, dia 1º de setembro, para o lançamento do livro “Ativismo Judicial, Judicialização e Autocontenção nas Cortes Brasileira e Portuguesa”. A obra, publicada pela Editora Thoth, é a dissertação de mestrado da desembargadora Helda Lima Meireles, apresentada na Faculdade de Direito na Universidade de Lisboa/Portugal.

De acordo com a magistrada, o livro tem o objetivo de analisar a atuação do Judiciário quando os limites da Lei são ultrapassados. “Na realidade jurídica atual, vemos que, por vezes, o Poder Judiciário precisa ultrapassar limites para garantir direitos. Esse livro se propõe a entender o que seria essa extrapolação. Seria um ativismo judicial ou a defesa dos direitos fundamentais? Essa é uma reflexão que provoço, apresentando os riscos e os proveitos da prática”, explicou a autora.

O desembargador Alexandre Freitas Câmara, que escreveu a apresentação da obra, relembrou a sua reação quando soube da proposta de pesquisa da colega. “Eu acompanhei a elaboração desse livro desde que a desembargadora Helda foi estudar em Portugal. Conversei muito com ela e falei o quanto ela era corajosa por escolher um tema tão difícil. Também disse que ela tinha um tesouro nas mãos porque fez algo absolutamente novo e fundamental, que é apresentar um estudo sobre os impactos do ativismo no Direito Processual”, ponderou.

A obra também conta com prefácio escrito pelo ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Luiz Fux. “Trata-se de um trabalho que cuida de alinhar, com invulgar brilhantismo, a interpretação de institutos do direito material e processual civil, atinentes à posição do juiz no processo, mercê de seus poderes instrutórios, com os mais vanguardistas influxos advindos do direito público a esse respeito, que dizem com os fenômenos do ativismo judicial, da judicialização e da autocontenção”, escreveu o ministro no livro.

O presidente do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro (TJRJ), desembargador Ricardo Couto de Castro, esteve presente no evento. Também compareceram outras autoridades, como a presidente da OAB-RJ, Ana Tereza Basílio.



Des. Helda Meireles, Des. Alexandre Câmara e Janaina Câmara



A fila para obter o autógrafo da autora no Salão Desembargador José Joaquim da Fonseca Passos



O desembargador Sérgio Cavaleiro Filho, ex-presidente do TJRJ, com a anfitriã desembargadora Helda Meireles



Des. Fabio Uchoa, Des. Renata Cabo, Des. des. Mônica de Faria Sardas, Des. Elton Martinez Carvalho Leme, Des. Maria Angélica Guerra Guedes, 2º vice-presidente do TJRJ; ministro do STJ Antônio Saldanha Palheiro, juíza Eunice Haddad, presidente da Amaerj; Des. Cláudio Luís Braga dell'Orto, diretor-geral da Emerj; Des. Carlos Alberto Menezes Direito Filho, Des. André Ricardo de Franciscis Ramos e Des. Luciano Rinaldi



Des. Elton Leme, ministro Luiz Fux, Des. Helda Meireles, Des. Ricardo Couto e Des. João Ziraldo Maia



Desa. Helda Meireles e a Desa. Katya Monnerat



Des. aposentada Luísa Bottrel e Des. Cláudio dell'Orto no Lançamento do Livro da Des. Helda Meireles

Fernando Molica

Gonet, o craque do jogo, trocou a 9 pela 8

A grande sacada do procurador-geral da República, Paulo Gonet, no julgamento que começou ontem foi dispensar a camisa 9 normalmente associada aos integrantes do Ministério Público para envergá-la 8. Trocou o figurino do centroavante rompedor que investe contra bola, goleiro, zagueiros e canelas pelo do meia que, à frente da defesa e atrás do ataque, é muitas vezes o responsável pela armação do time.

Pela segunda vez em dois dias me vejo obrigado a citar Didi, o maior de todos os 8. Quando, na final da Copa de 1958, contra a Suécia, o Brasil tomou o primeiro gol, o craque do Botafogo (que no torneio usava a 6) pegou a bola, colocou-a debaixo do braço e foi com ela caminhando em direção ao círculo central. De mãos dadas com a namorada que sabia ser fiel e apaixonada, ele ignorou o desespero de Zagallo, ansioso pelo reinício da partida.

Ontem, Gonet fez como Didi. Diante de toda a turbulência produzida nas últimas semanas por Jair Bolsonaro & Filhos, que chegaram ao ponto de pedir uma intervenção do Trump-Fifa numa disputa brasileira, o PGR resolveu cadenciar o jogo, ditar o ritmo da partida. Nada de dar botinadas, de puxar a camisa do zagueiro, de provocá-lo.

Como a tranquilidade de quem chupa laranja e um certo ar de enfado, distribuiu passes estratégicos e precisos, daqueles que desmontam a defesa, destroem linhas de impedimento, humilham os defensores grandalhões que entraram em campo com o espírito do finado Moisés (1948-2008).

Ex-jogador de vários clubes, entre eles Vasco, Corinthians e Bangu, e conhecido pela alcunha de “Xerife”, dizia zagueiro que se prezava jamais poderia

ganhar o Belford Duarte, prêmio então concedido ao jogador que ficava dez anos sem ser expulso de campo.

O time de amarelo entrou no tapetão do Supremo Tribunal Federal com o espírito que caracteriza sua atuação desde os primeiros movimentos golpistas que redundaram na intentona de 8 de Janeiro. Foi disposto a, mais uma vez, botar pra quebrar os fatos, entrar de sola nos documentos, distribuir carrinhos por trás nos depoimentos que comprovam a articulação que visava impor uma nova ditadura ao país.

Até pelo fato de saber que o juiz do clássico tem o espírito do velho Mário Vianna (que foi expulso da Fifa por denunciar corrupção na entidade), Gonet pôde se concentrar no jogo em si. E fez o óbvio: tratou de, maneira didática, enumerar e encadear todos os fatos que mostram a estratégia golpista.

Mais importante: demonstrou que, no jogo da quebra da democracia, a peleja começa nos bastidores. O time da situação, dono da casa, fez de tudo para sabotar o adversário: impediu que sua torcida chegasse ao estádio, distribuiu armas de fogo para os integrantes de suas organizações, cortou a água e a luz do seu vestiário e entupiu os vasos sanitários, jogou laxante na água a ser bebida. Ainda tentou desacreditar o placar eletrônico, queria que fossem validados apenas os gols que seus próprios fiscais escreveriam na súmula.

O PRG mostrou que, na trama golpista, nada aconteceu por acaso. O esquema destinado a manter Bolsolnaro no poder foi muito bem planejado. Enquanto o então presidente tratava de desmoralizar instituições, de aparelhar o Estado e de instigar seus correligionários, militares atuavam para conquistar

novos adeptos fardados, respaldavam as insinuações mentirosas sobre o processo eleitoral, divulgavam notas oficiais em que relativizavam o compromisso com a democracia e estimulavam a ocupação de áreas de segurança, que ficam em frente a quartéis.

O pessoal herdeiro dos porões fazia atentados em Brasília e preparava uma explosão terrorista no aeroporto da capital, tragédia que por sorte não se consumou. O ato final coube à tigrada dos kid pretos que, financiados por um grupo de empresários que desde sempre faz gol contra, coordenou o ataque ao centro do poder.

Gonet sequer precisou levantar a voz para narrar e costurar fatos. Como Didi em Estocolmo, botou a bola no chão e tratou de reiniciar o jogo, de armar a goleada e a conquista; no caso, a reafirmação da democracia.